

A AUTORIA NO PROCESSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO EM MEIO DIGITAL: A ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

AUTHORSHIP IN THE PEDAGOGICAL TEACHING PROCESS IN DIGITAL MEDIA:
LITERACY IN PANDEMIC TIMES

Rejane Maria de Almeida Amorim

Universidade Federal do Rio de Janeiro
rejane_almeida@hotmail.com

Luciene Cerdas

Universidade Federal do Rio de Janeiro
lucienecerdas@hotmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo discutir a questão da autoria docente a partir das ações desenvolvidas durante a pandemia do Coronavírus no âmbito do Projeto de Extensão “A Parceria Escola e Universidade na alfabetização de crianças e na formação de alfabetizadores”. O texto traz relatos de extensionistas sobre suas experiências na produção de materiais audiovisuais para alfabetização, compartilhados com as escolas parceiras. Na análise da proposta, enfatizando o que revelam os relatórios dos extensionistas, destacam-se: 1) Implementação da proposta para um novo enfoque da extensão na pandemia; 2) Autoria e desafio dos extensionistas na produção dos materiais e nas próprias performances; 3) Acolhimento da proposta pela escola. As experiências transcritas aqui, analisadas sob a ótica da autoria, revelam uma prática formativa que caminha para o fortalecimento da autonomia e da liberdade de criação no processo de formação docente.

Palavras-chave: Pandemia. Alfabetização. Autoria. Formação docente. Docência

ABSTRACT

The article aims to discuss the issue of teacher authorship from the actions developed during the Coronavirus pandemic within the scope of the Extension Project “The School and University Partnership in the Literacy of Children and the Formation of Literacy Teachers”. The text brings reports from extension workers about their experiences in the production of audiovisual materials for literacy, shared with partner schools. In the analysis of the proposal, emphasizing what the extensionists reports reveal, the following stand out: 1) Implementation of the proposal for a new approach to extension in the pandemic; 2) authorship and challenge of extension workers in the production of materials and in the performances themselves; 3) Acceptance of the proposal by the school. The experiences transcribed here, analyzed from the perspective of authorship, reveal a formative practice that moves towards the strengthening of autonomy and freedom of creation in the process of teacher education.

Keywords: Pandemic. Literacy. Authorship. Teacher training. Teaching

¹ Artigo produzido com a colaboração dos estudantes do curso de Pedagogia e extensionistas do projeto: Álvaro Jorge Santos de Carvalho; Albert Douglas Silva da Cunha; Daniele Sueira de Lira; Gabrielle Moreira Moutinho; Larissa Vicente do Nascimento; Marcela Oliveira de Medeiros.

Introdução

O artigo tem como objetivo discutir a questão da autoria docente no processo pedagógico a partir das ações desenvolvidas durante a pandemia do novo Coronavírus no âmbito do Projeto de Extensão “A Parceria Escola e Universidade na alfabetização de crianças e na formação de alfabetizadores”. Nesse cenário inédito, que impôs o distanciamento e isolamento social em várias partes do mundo, escolas e universidades suspenderam suas aulas por tempo indeterminado, o que impossibilitou que déssemos continuidade às atividades *in loco* com as crianças. Após conversas com os estudantes do projeto, decidimos manter nossas ações, o que envolveu leituras e estudos dos textos que compõem as políticas públicas nacionais para alfabetização e de teóricos que têm embasado as ações do projeto, assim como o investimento em produzir materiais midiáticos que pudessem ser enviados aos professores e alunos das escolas parceiras, de forma a mantermos um alinhamento teórico defendido no projeto.

O projeto “*A parceria escola e universidade na alfabetização das crianças e na formação inicial dos alfabetizadores*” tem como objetivo estabelecer parcerias com escolas públicas na formação inicial dos alfabetizadores, visando à criação de projetos de ação didática voltados à alfabetização de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e proporciona aos licenciandos do curso de Pedagogia oportunidades de vivências, percepção, criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que buscam dialogar com a realidade das crianças, suas emergências, singularidades e necessidades.

Esse projeto se inscreve no âmbito do Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa Fórum de Ensino da Escrita (GRAFE), da Faculdade de Educação da UFRJ, que entende como importante que, desde o início da sua formação acadêmica, os licenciandos se insiram no contexto das escolas públicas com reconhecido trabalho na alfabetização das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa inserção deve permitir que os licenciandos desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de docentes da licenciatura e de professores regentes, contribuindo prioritariamente para a alfabetização das crianças no contexto da educação pública.

A perspectiva teórica adotada pelo projeto compreende o ensino da leitura e escrita, desde as fases iniciais da alfabetização, como o desenvolvimento de saberes fundamentais no processo de inserção nas práticas sociais de uso da língua, em um contexto permeado pela escrita em sua dimensão interlocutiva; não se separa o momento de aprender a ler e escrever do momento de ler e escrever; a alfabetização deixa de ser vista apenas como aprendizado dos mecanismos de decifração e da capacidade de grafar palavras; e o ensino da escrita implica se interrogar sobre o tipo de leitor e escritor que se pretende formar.

Desse modo, os referenciais teóricos que orientam as nossas discussões sobre alfabetização partem dos estudos de Freire (2009), Kramer (2000), Soares (1998), Smolka (2012) que consideram, no ensino da leitura e da escrita, a necessidade de que a aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) se dê no contexto de práticas sociais de seu uso, e possibilite, assim, o acesso efetivo ao mundo da escrita. Também Bakhtin (1988) configura o referencial teórico do projeto, na medida em que considera que o sentido da escrita se constitui, não só pelos seus aspectos propriamente linguísticos, mas também, e principalmente, pela sua relação com o contexto extralinguístico, tomando como parâmetro a articulação que existe entre o texto e os fatores sociais, históricos, culturais e ideológicos de sua produção.

Nesse sentido, o artigo traz as escritas de seis extensionistas sobre suas experiências ao investirem esforços para produzir materiais audiovisuais compartilhados com as escolas parceiras do projeto; materiais com linguagem acessível e atividades que exigem poucos recursos, voltados à alfabetização. Na análise da proposta, que seguiu um percurso metodológico qualitativo, com ênfase no que revelam os relatórios dos extensionistas, destaca-se três aspectos: 1) Implementação da proposta para um novo enfoque da extensão na pandemia; 2) Autoria e desafio dos extensionistas na produção dos materiais e nas próprias performances; 3) Acolhimento da proposta pela escola.

O estudo responde as inquietações a respeito de como se realiza uma metodologia em um objeto de pesquisa qualitativo, a partir da categorização, inferência, descrição e interpretação (ANDRÉ, 2001). Foi a partir das leituras dos relatos finais do projeto, que foi possível investir em uma análise que possibilitasse uma escuta atenta ao aprendizado e à formação dos estudantes.

Estamos convictos de que, impulsionado a se repensar pela urgência do contexto, o projeto se fortaleceu como esse espaço de autoria e liberdade de criação para os extensionistas, longe de um enfoque produtivista; possibilitou o aprendizado mútuo; e o estudo de diferentes didáticas que são necessárias quando mudamos de uma sala de aula para uma plataforma digital.

Os relatos de professores/coordenadores da proposta, extensionistas, professores das escolas parceiras, nos ajudam a pensar, nesse percurso, sobre o processo de recriação didático pedagógica, que nos instiga a pesquisar mais o tema e investir no potencial criativo e autoral de nossos futuros pedagogos, em outras ações de pesquisa e extensão, levando em conta os ganhos dessa experiência na sua formação no contexto pós-pandêmico.

Apesar desse caminho que buscamos delinear com os extensionistas nesse contexto, destacamos nossa concepção de que essas ações remotas constituem excepcionalidade e não substituem, de modo algum, as relações pedagógicas presenciais professor-alunos, alunos-alunos, alunos-professores-outros sujeitos, como condição *sine qua non* dos processos educativos sobretudo das crianças em processo de formação de sua personalidade. Nesse sentido, enfatizamos o papel da escola pública na garantia da alfabetização entre as camadas populares “num espaço-tempo de ampliação da leitura do mundo pelo aprofundamento tanto do conhecimento linguístico quanto dos modos de dizer e ler o mundo[...]” (GOULART, 2019, p.15).

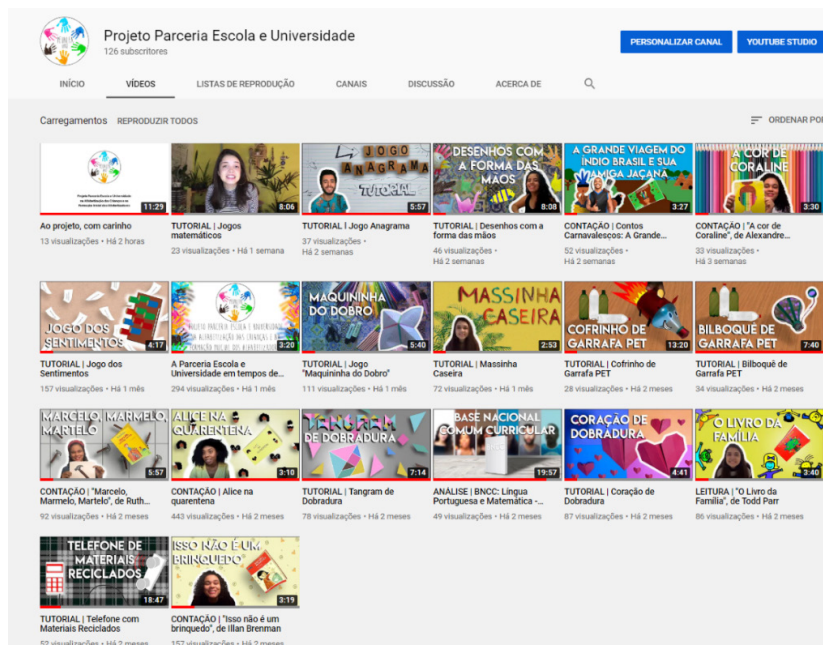
1) Implementação da proposta para um novo enfoque da extensão na pandemia

A formação no curso de Licenciatura em Pedagogia nas disciplinas diretamente ligadas à alfabetização, o desafio de aproximar licenciandos, professores da educação básica e professores do curso de Pedagogia nos diferentes âmbitos da atuação, a saber, ensino, pesquisa e extensão pela troca de experiências na construção de saberes e práticas para o ensino da leitura e da escrita, compõe a justificativa e a motivação para o desenvolvimento desse projeto. Compreendemos que esse ensino deve atender às necessidades formativas dos alunos para uma sociedade em que o não domínio das habilidades de ler e escrever é mais um dos fatores de marginalização das populações.

Assumindo esse desafio agora no contexto de disseminação da Covid-19, a ideia foi produzir materiais audiovisuais, a partir das propostas pedagógicas que sustentam o projeto, voltadas às crianças em fase de alfabetização. O processo criativo, com forte presença da linguagem artística, contribuiu para o sucesso e para a mobilização dos extensionistas na pesquisa e execução e divulgação dos materiais.

Nesse caminho novo para todos nós, inauguramos um canal no *YouTube* (Figura 1), alimentado periodicamente por vídeos que trazem propostas de contação de histórias, confecção de dobradura, brinquedos com materiais recicláveis, atividades matemáticas, jogos de alfabetização entre outras que serão detalhadas no decorrer deste artigo.

Figura 1 - Canal Projeto Parceria Escola e Universidade no Youtube



Fonte: Youtube <https://www.youtube.com/channel/UCiivIII95AS366DZ-zV_v4Tw>

Cabe destacar ainda que, embora se reconheça as dificuldades de interação em ambientes virtuais assíncronos, na produção dos vídeos para o canal prezamos pela criação de atividades que buscavam estabelecer uma dinâmica de aproximação com as crianças, convidando-as a participarem das propostas trazidas pelos extensionistas, inclusive por meio dos comentários do YouTube.

2) Autoria e desafios dos extensionistas na produção dos materiais e nas próprias performances

Os estudos sobre autoria contribuíram para que formássemos o conceito sobre o qual trabalhamos no processo de desenvolvimento do projeto. A autoria consiste em configurar de forma singular o que o sujeito faz a partir de sua história de vida, dos seus valores, desejos, trajetórias educacionais e especialmente de sua relação com o saber. Portanto, a autoria é o resultado do que se construiu nas relações entre o indivíduo e o mundo e que de forma única ficam registradas em um trabalho que desenvolve. Bakhtin (1998) distingue a figura do autor em duas categorias: o autor-pessoa e o autor-criador. O autor-pessoa corresponde ao artista ou à pessoa que escreve a obra ou a produz. O autor-criador atribuiu a função estético-formal da obra, elabora críticas por meio do seu fazer.

Tendo a definição de Bakhtin (1998) como referência conceitual, temos que a equipe de extensionistas deixou marcas de autoria em todas as propostas e desdobramentos do projeto, trazendo histórias que fazem parte de sua vida, como caso do Extensionista 2, que vive o mundo do carnaval e trouxe para o projeto elaborações desse meio. Faraco (2005) nos diz que autor-criador é quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida. A autoria se coloca em um espaço distinto em que o sujeito se sente livre para ser ele mesmo e usar das diversas vozes que o constitui para elaborar algo que é fruto da trama de sua história.

Essa autoria, de acordo com Castro (2011), se estabelece a partir de três traços: motivação, que pode ser despertada/alimentada por agentes externos; liberdade e protagonismo nas tomadas de decisão, a partir do exercício dialógico nas escolhas; e responsabilidade pelos resultados. Esses traços da autoria se fizeram presentes em reuniões constantes de discussão, planejamento coletivo, ajuda mútua e avaliação dos produtos e alcance dos vídeos e materiais produzidos.

Como o espaço de interlocução digital era completamente novo para todos nós, membros do projeto, foi necessário um diálogo sobre a construção de canais alternativos pelos quais fosse possível manter contato entre a equipe. O ponto sobre o qual recaiu nosso maior cuidado era exatamente o pedagógico, a marca teórica e prática do projeto deveria permanecer.

Em relação ao grande desafio dos estudantes, em propor um novo modelo de ação, tomou-se como referência a didática “[...] como o coração do conhecimento profissional do professor, agregando em seu redor e mobilizando no seu agir as restantes dimensões” (ROLDÃO, 2017, p. 1146), que incluem nesse novo contexto as questões sanitárias além das sociológicas, históricas, psicológicas, filosóficas, linguísticas e técnicas. As atividades que foram propostas receberam uma avaliação muito positiva da parte dos alunos, professores e comunidade educacional e se constituem como mais uma possibilidade de trabalho futuro, que pode ser aliado às propostas presenciais.

Optamos por apresentar parte do relato que cada um dos extensionistas - também autores deste artigo - construíram em seus relatórios finais, para dar visibilidade ao que pensam e empreenderam e para não quebrar a sequência de ideias que desenvolvem, considerando que aqui já estão reduzidos de um texto bem mais extenso e completo produzido por eles. Assim, coerente com o princípio da autoria, entendemos fundamental dar visibilidade a suas escritas

Cabe ressaltar que longe de reforçarmos uma racionalidade técnica, centrada atualmente nos usos das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), ponderamos que os usos das novas tecnologias seguirem um curso de adoção de estratégias (ROLDÃO, 2017) para um novo tempo, não se configurando como um fim educativo fora de um processo pedagógico de mediação e intencionalidade.

Relato - Extensionista 1

Muitos são os desafios que nos assombram durante o processo de produção de um conteúdo didático e existem alguns caminhos e dicas que nos auxiliam durante esse percurso, como o planejamento, o roteiro, a pesquisa, o rascunho, e o rascunho do rascunho. A elaboração e o fazer de um conteúdo audiovisual didático exige um olhar que congrega novos elementos, porém comum para esse tipo de produção, como a iluminação adequada, o foco da câmera, a captação do som, a preocupação com ruídos externos, a edição do vídeo e a ludicidade do conteúdo, tudo isso para garantir que o conteúdo produzido possa atingir a maior quantidade e variedade de público, através da utilização de recursos acessíveis e linguagem (oral/escrita) de fácil compreensão. O melhor de todo o processo, na posição de criador, é o resultado final, completamente surpreendente e acima das expectativas, principalmente se o criador for um semianalfabeto digital como eu sou. O hábito de fazer selfies com os amigos, gravar vídeo de um bebezinho fofo ou do seu animal de estimação fazendo alguma coisa engraçada não nos habilita como criador de conteúdo didático, apesar de nos aproximar um pouco mais desse tipo de manuseio de dispositivos de mídias, Internet e suas tecnologias. A criação de conteúdo audiovisual é um processo bem complexo e um desafio até mesmo para a geração de Youtubers, TikTok e os profissionais especializados.

Como popularmente sabemos, a Internet é a o maior espaço de informação do mundo, onde é possível obter respostas em poucos cliques sobre todos os temas, mas que devemos sempre estar preocupados em relação às fontes confiáveis. E assim como a Internet, o processo de aprendizagem, alfabetização e letramento (digital e analógico) não acaba, aprender é um processo infinito. Gravei duas propostas de atividades, Tutorial Tangram de Dobradura e o Tutorial Jogo Anagrama, os temas foram pensados para além de uma atividade para o grupo escolar, mas como possibilidades de interação do telespectador com a família, grupo de amigos e a comunidade escolar, principalmente no período de quarentena.

O vídeo Tutorial Tangram é uma proposta de atividade interdisciplinar, que além de trabalhar a questão motora para realizar a dobradura, o jogo pode ser explorado com conteúdo de diversas disciplinas, como: matemática, geometria, história, e produção textual, criando histórias e enredos a partir das figuras e personagens feitos no Tangram. Durante a gravação tive a preocupação em pensar como o vídeo seria assistido e de que forma as instruções para a dobradura, tanto oral quanto visual, seriam recebidas em casa, importante verificar as configurações do dispositivo de gravação para que a imagem não fique espelhada. Utilizei também a estratégia de numerar as pontas da figura para conseguir passar instruções bem objetivas.

Na proposta do vídeo Jogo Anagrama busquei realizar uma atividade com maior direcionamento, na qual as letras para formar outras palavras seriam pré-determinadas pelas minhas sugestões ou por sorteio de palavras que surgissem em suas casas. Outra questão que surgiu nessa atividade foi quanto ao recurso do alfabeto móvel, apesar de ter muitas opções acessíveis do material, poucas crianças costumam ter esse tipo de recurso em suas casas, então imaginei uma possibilidade de realizar a atividade apenas escrita, criando também a liberdade para rabiscar outras alternativas. Como proposta interdisciplinar tentei utilizar o sistema de pontuação e soma das letras, com possibilidade de pontuação diferente para cada letra ou valor diferente para vogais e consoantes.

O vídeo Tangram teve 78 visualizações. E o vídeo, Jogo Anagrama, teve 37 visualizações em menos de uma semana. O número de acessos ao vídeo Tangram corresponde a uma média de alunos de 4 turmas, e nesse período de isolamento esse é um número muito expressivo, pois além de alunos da escola onde foi iniciado o projeto, sabemos da possibilidade de alcançar crianças de outras escolas e outras comunidades familiar e escolar. A rede de professores também é uma aliada importante nesse processo de criação de conteúdo audiovisual, o reinventar da troca de conhecimentos e boas práticas é um aprendizado que devemos levar para além do período pandêmico.

Relato - Extensionista 2

Posso dizer que minha trajetória dentro do projeto de extensão “A Parceria Escola e Universidade na alfabetização de crianças e na formação de alfabetizadores”, além de ser um divisor de águas sobre o que eu pensava como meio válido de alfabetização, se tornou um processo extremamente desafiador para minha formação, não só pelo fato de as produções dos vídeos, mas também pela forma de pensar como educar atrás de uma tela de computador.

Antes de relatar como foi todo meu processo, se torna imprescindível relatar outro fato que me estimulou em todos os meus planos e ideias para às produções dos vídeos. Dias antes de termos a infeliz e necessária informação que todas as escolas municipais do Rio de Janeiro iriam fechar decorrente da grande proporção de infectados pelo novo Coronavírus, foi realizada uma reunião do projeto de extensão em parceria com o GRAFE. Esta reunião trazia uma questão essencial para todos os

presentes, o porque a aprendizagem da escrita é transformadora. Lemos o texto de Collelo (2020) e diversas reflexões suscitaram questões como: “Qual é o sentido da alfabetização do sujeito?”, “O que esperamos deste sujeito que está passando pelo processo de alfabetização?”, “Quais são os diversos meios que os auxiliaram neste processo e o que trazem de inovador e familiar para esses alunos?”, e principalmente, até onde vai o discurso “Alfabetizar para ler e escrever”. Seria mesmo só este o objetivo da alfabetização? Com todos esses questionamentos, fui para casa pensando, como eu, futuro professor alfabetizador, iria a partir das propostas que eu vou apresentar para meus alunos, saber responder essas questões e ir contra este processo robótico e bancário de alfabetização.

A partir da notícia do fechamento das escolas municipais, o projeto teve que se reinventar para que, mesmo de casa, ajudasse de alguma forma as professoras das escolas parceiras no processo de alfabetização dos discentes. Assim surgiu a ideia de se produzir vídeos com propostas didático pedagógicas para as crianças, vídeos que as professoras pudessem trabalhar com seus alunos de casa.

Minhas experiências nas produções dos vídeos foram muito desafiadoras, pois nunca tive contato direto com a internet neste sentido de produção visual, muito menos produzir vídeos educacionais. Logo no início tive medo, pois não tenho um lugar adequado para este trabalho e nunca estive familiarizado em estar na frente das telinhas. Entretanto, logo lembrei de toda discussão que tivemos na reunião e soube que aqueles questionamentos iriam servir de parâmetro para as produções dos meus vídeos. A partir daí comecei produzir, filmando com a câmera do meu celular mesmo, com a ajuda do meu namorado e o auxílio de todas os integrantes do projeto. Minha casa é bem pequena e o quarto menor ainda, com cama e armário para atrapalhar nas produções, mas mesmo assim fui realizando os vídeos, às vezes uns mais rápidos que outros, mas sabendo que todo este processo iria no final ajudar uma criança no seu processo de alfabetização. Com essa nova experiência, o projeto pode oferecer novas didáticas que se tornaram familiar aos alunos, dialogando diretamente com às reflexões realizadas na reunião.

Para o tema das produções dos vídeos, resolvi produzir vídeos voltados para o aproveitamento de materiais recicláveis. Comecei a catalogar ideias do que produzir, ponderando que fossem agradáveis e estimulantes para as crianças e produtivos para serem trabalhados pelos professores. Escolhi produzir objetos com materiais de fácil acesso para os pais e alunos, para assim ser atrativo tanto para as crianças e os responsáveis. Ao final, vendo que passando por todos os processos de arrumação dos materiais, filmagem, erros de gravação, edição e postagem, me sentia muito realizado com o produto final, sabendo que, a partir do canal no YouTube, não só os alunos das escolas parceiras do projeto iriam ser beneficiados, mas todas as crianças que acessassem o site, alcançando assim muito mais crianças.

Relato - Extensionista 3

A mudança de formato do projeto em decorrência da pandemia veio para intensificar os desafios já existentes. Adiante mostro imagens que contém alguns dos elementos presentes em duas histórias literárias infantis que contei para o nosso canal, pequenos recursos que criei para que me auxiliassem nesta nova forma de atuar no Projeto. Imprimi os desenhos - exceto a imagem da personagem Coraline, que foi feita à mão - e os colori para que pudessem servir de apoio às histórias, em especial a de Marcelo, da obra de Ruth Rocha *Marcelo, marmelo, martelo*. A história traz um menino que decide chamar os objetos ao seu redor da maneira como considera ser mais apropriada, criando, então, um novo vocabulário.

Em relação a essa questão, pensei em como seria contar uma história como a de Marcelo na qual as crianças iriam se deparar com palavras inventadas. Considerei, então, utilizar os desenhos como legendas, por dois motivos que achei importante: o primeiro, como já citei acima, por conta do vocabulário inventado de Marcelo; e o segundo foi pela minha intenção de não me apoiar no livro durante a contação - uma vez que eu também não o tinha em mãos -, mas trazê-lo por meio de figuras que mostrassem os elementos das histórias, deixando-a mais divertida e compreensiva. Abaixo, a primeira figura trata do livro *A cor de Coraline*, de Alexandre Rampazzo, e, em seguida, a segunda figura, a do já mencionado livro de Rocha.

Com relação à minha performance, os primeiros passos foram os de escolha das histórias e preparação para contá-las, o que envolveu ler e reler as obras, preparar um roteiro e dar início aos ensaios. As duas últimas etapas, especificamente, foram extremamente importantes para que eu pudesse me apropriar das narrativas para que fosse possível repassá-las às crianças com total domínio. Além disso, busquei inspiração em algumas contadoras de histórias para que conseguisse entender a dinâmica do processo e me soltar o máximo possível, uma vez que seria difícil fazer isso, não para um grupo de crianças em uma sala de aula, mas sim para uma câmera no celular. Apesar disso, a segurança, confiança, animação e diversão vieram ao meu encontro e a sensação que tive foi de preenchimento ao estar passando por este novo desafio.

Relato - Extensionista 4

A quarentena nos trouxe diversos desafios, além dos sentimentos, preocupações e anseios aflorados, contudo, participar do projeto de forma remota, preparar materiais, escrever e se planejar foi um afago no meio ao caos. Podemos afirmar que de consumidores todos os extensionistas se tornaram criadores de conteúdo digital e prontamente constatamos que não foi fácil, mas muito prazeroso e divertido.

Cada um reage de uma forma e nesse momento estagnei e procrastinei devido a medos e incertezas, porém a criação do canal no YouTube me trouxe ânimo, despertando minha criatividade, em um dos vídeos postados optei por abordar um assunto essencial ainda mais nessa pandemia: nossos sentimentos.

Desde março, crianças trocaram o chão da escola pela tela do computador, um meio de estudar, obter conhecimentos e se comunicar com seus professores; uma mudança brusca com a qual por vezes é difícil de lidar, pensando nisso escrevi a história "*Alice na quarentena*" em que exigiu tempo e planejamento para escrever e pensar em como dialogar e entreter. Escolhi ilustrar de maneira digital com cores chamativas, usando a paleta de cores do arco-íris. No final o diálogo correu como esperado ao ponto de aprazer não só o público-alvo como também pessoas mais velhas.

Há aprendizados que teoria nenhuma ensina, desse modo, ter a experiência de estar em sala de aula e dialogar presencialmente com as crianças foi um preparo para o presente. Pesquisas, estudos, tampouco constatações predisseram esse novo normal e a relação ensino-aprendizagem.

Entendendo que a alfabetização e letramento constroem e oferecem autonomia dando liberdade e livre acesso a diferentes âmbitos, reitero que dentro da sala de aula ou utilizando mídias digitais a responsabilidade e o compromisso continuaram o mesmo.

Relato - Extensionista 5

Televisão. Rádio. Músicas. Conversas. Obras. Esses e outros obstáculos fizeram parte dos meus desafios na produção dos materiais para a extensão nesse momento de pandemia. Embora o novo ambiente de trabalho tenha se tornado minha casa – um lugar familiar, de aconchego e conforto –, foi onde eu passei por muitas dificuldades para conseguir produzir conteúdo.

Sem dúvida, meu maior desafio foi a questão da ausência do silêncio, em minha casa e na vizinhança, durante o dia inteiro. Dada essa circunstância, minha rotina de extensionista e de *quarentenada* teve de ser repensada: passei a pensar em ideias para a produção dos vídeos nos períodos da manhã e da tarde, durante o, denominado por mim e pelos meus familiares, “horário do barulho” – e para poder me concentrar tive que fazer algo que nunca me adaptara: ouvir música enquanto planejava e estudava. No período da noite e madrugada, eram feitas as gravações, no “horário do silêncio”.

Outro desafio que enfrentei foi a carência de materiais adequados para tal ação, como tripé e lâmpadas de iluminação (já que eu não conseguia gravar na luz do dia). Para esquivar-me dessa situação, tive que ter inspiração para a criatividade, que a maioria das (futuras) pedagogas têm, e improvisar. No primeiro momento, peguei um rolo de papel higiênico, recortei as laterais, de acordo com a grossura do meu celular, e o apoiei ali. Infelizmente deu certo apenas durante alguns minutos, pois o material não aguentou o peso do celular, portanto, logo em seguida tive que improvisar, novamente, meu tripé. Esse segundo eu fiz com uma garrafa pet, e dessa vez o resultado foi positivo.

Além dessas dificuldades, um outro empecilho que encontrei foi em relação ao espaço em minha casa. pois, eu não tenho um espaço apenas meu e não tenho um ambiente com mesa e cadeira para tal ação. Em vista disso, não tive locais fixos para conseguir gravar. Toda essa logística para a execução dos vídeos demandava bastante tempo, tanto para a organização dos diferentes espaços de gravação, tanto para voltar à organização – após as gravações – original da minha própria casa.

Com essa ruptura na forma de entrar em contato com a escola e, principalmente, com as crianças, em decorrência da pandemia, a princípio, senti bastante dificuldade para pensar em algo, sozinha, que fosse autoral e criativo. A procura por ideias para planejar e produzir conteúdos voltados para a alfabetização em nossos vídeos também foi um grande desafio. Porém, ao conversar com uma gama de pessoas (as coordenadoras do projeto, amigos de dentro e de fora da Pedagogia, a coordenadora e professora da escola) e ao fazer buscas pela internet, pude obter diversas e diferentes ideias.

Somado a isso, todos esses desafios, certamente, estão fazendo parte do meu processo de formação como futura pedagoga, autora de minhas práticas, protagonista de minhas próprias ações didáticas e futura professora alfabetizadora.

Escolhi trabalhar com dobradura, fiz a proposta de um coração em que aproveitei para falar das pessoas que gostamos e estão longe de nós e também apresentei a proposta de desenhos feitos com as mãos. Ambas as propostas poderiam ser executadas com materiais que todos possuem e o resultado foi muito positivo.

Falar diante da câmera do meu celular, com aqueles roteiros sendo seguidos quase perfeitamente, sem nenhuma interrupção de crianças fazendo perguntas, levantando questões e sendo curiosas, foi um sentimento de solidão. De repente, eu saí daquele ambiente agitado, todo colorido e enfeitado de cartazes, com diferentes vozes, onde, assim que eu chegava, ganhava abraços e beijos (ai que saudade desses carinhos que hoje em dia é praticamente inviável de acontecer) – que é a sala de aula –, e entrei em um ambiente que, embora seja acolhedor e familiar, não faz parte daquela rotina agitada que é a escola.

Ao mesmo tempo em que eu estava ali, falando sozinha – naquele momento de gravação –, eu estava falando para muitas crianças – nos momentos em que as mesmas assistiam o vídeo já editado e prontinho em suas casas. Isso, para mim, soou estranho, inicialmente, porém, no decorrer do tempo, pude compreender melhor e internalizar de que aquilo agora fazia parte do nosso *novo normal*, onde, gravar vídeos e postá-los, é uma das melhores estratégias, nesse momento, para estarmos perto e conectados uns com os outros.

Em virtude disso, minha maior inspiração para manter a alegria e o sorriso no rosto foi o que aprendi com diretor das peças de teatro, que eu participei por cerca de quatro anos na igreja, a qual frequento desde que nasci. Outro conhecimento que adquiri foi o de falar de acordo com o momento, como nos vídeos o público alvo foram as crianças, então, o tom de voz animado deveria prevalecer.

O projeto é um importante espaço de troca, de aprendizagens. Também é um ambiente de valorização das nossas produções, da nossa autoria e que nos estimula a continuar pensando e planejando ações que façam frente às necessidades de conhecimentos dos estudantes. O trabalho conjunto é outro ponto muito relevante que nos faz sentir mais confortáveis no planejamento das atividades, afinal, temos uns aos outros para recorrer e compartilhar ideias, percepções e inseguranças.

Relato - Extensionista 6

O projeto “*A parceria escola e universidade na alfabetização das crianças e na formação inicial dos alfabetizadores*” precisou se reinventar em meio à pandemia do novo Coronavírus. As reuniões semanais, onde debatíamos textos e pensávamos nas atividades que iríamos aplicar nas escolas, transformaram-se em mensagens com ideias sobre como poderíamos atuar em meio ao distanciamento social. Em um primeiro momento, estudamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e apresentamos essa análise para as nossas professoras por meio de um vídeo, que foi dividido entre todos os extensionistas. Com esse vídeo, as coordenadoras do projeto viram que havia a possibilidade de utilizar essa forma de comunicação também com as escolas parceiras. O canal no Youtube foi criado e, a partir de então, as professoras nos deram autonomia para pensarmos em atividades que auxiliassem, de alguma forma, na alfabetização, e, ainda, fossem possíveis de serem realizadas pelas crianças em suas próprias casas.

Um dos grandes desafios para mim foi encontrar inspiração para as atividades. A primeira ideia de vídeo surgiu de uma conversa com a professora da nossa escola parceira, que comentou sobre o tema que estava pensando em trabalhar. Com isso, conversamos com nossas coordenadoras e chegamos à conclusão de que a contação de história junto com origami era uma ótima opção, já que dialogava com o planejamento, tornando o vídeo muito produtivo. O segundo vídeo que postei, com um tutorial de massinha caseira, foi uma sugestão das coordenadoras que eu me diverti muito gravando. Uma atividade diferente, que provavelmente seria mais difícil de ser realizada na escola, teve seu espaço no canal para mostrar que é possível aprender brincando. O último vídeo que gravei explorou a matemática através de jogos. Essa ideia surgiu depois de muita pesquisa e conversa com outros pedagogos em formação. Então, mesmo com um bloqueio criativo algumas vezes, consegui encontrar inspiração que, com certeza, vou levar para as minhas práticas.

O local para as gravações também foi uma dificuldade que tive durante o processo de gravação, uma vez que na minha rua sempre estão fazendo barulho e eu não tenho um cenário adequado. Entretanto, segui o caminho de gravar na minha sala durante a madrugada, já que teriam menos ruídos e eu ainda aproveitava as plantas que ficam perto da janela. Os tutoriais foram gravados no escritório da minha mãe, pois eu precisava posicionar o celular na prateleira que ficava em cima da mesa e colocar folhas coloridas para o fundo. Mesmo assim, me divertia muito com as filmagens.

Com a quarentena, cada um de nós, extensionistas, grava e edita os vídeos de uma forma diferente, mesmo estando em contato constante para troca de ideias e aprendizados. Assim, apesar do distanciamento físico, sinto que consigo passar um pouco de mim com a escolha de um cantinho para gravar, filtros na hora de editar e até escolhendo colocar o animal de estimação para aparecer e chamar atenção. Ou seja, cada vídeo é feito com um carinho que o torna único e especial.

2.1 Apontamentos

Nas falas dos extensionistas muitas são as marcas de aprendizagens no uso da própria tecnologia como um ganho dessa vivência inovadora no projeto, “tanto de gravação de vídeo (iluminação correta, posição adequada da câmera, o que evitar para haver ruídos sonoros), quanto da edição (pude conhecer mais o editor de vídeo ao qual eu já estava habituada; diferentes editores; e estudar novos efeitos e transições).” (Extensionista 5) Apesar dos desafios, muitas vezes relacionados à falta de condições ideais - de equipamento, local das gravações etc. - para produção do conteúdo para internet, os extensionistas apontam a experiência como positiva para sua formação, na medida em que abraçaram a ideia do projeto como futuros alfabetizadores. A Extensionista 5 faz um relato sobre essas suas aprendizagens:

Na sala de aula, me preocupo em pensar em atividades que estejam dentro das possibilidades do ambiente físico, do número de alunos que vão trabalhar e do entendimento de cada aluno sobre o tema em questão. Já em casa, preciso ficar atenta em como apresentar uma atividade, de um tema mais acessível possível, para o entendimento do maior número de crianças. Por conta disso, pesquisei novas formas de edição e conheci novas técnicas e aplicativos. Esse ganho vou levar para toda minha formação.

Os extensionistas 1 e 2, respectivamente, enfatizam a “posição de criador”, na qual se colocaram na produção dos conteúdos para internet; “de consumidores todos os extensionistas se tornaram criadores de conteúdo digital” uma docência que reconhece que “aprender é um processo infinito”. Assim também o extensionista 1 se define “protagonista de minhas próprias ações didáticas”.

O Extensionista 2 reflete também sobre a necessidade de “repensar o espaço digital o acesso à internet e suas tecnologias” na promoção da educação básica, cultura e cidadania. A mesma reflexão aparece na escrita da extensionista 6 que considera como maior desafio a “forma de pensar como educar atrás de uma tela de computador” como “mecanismos auxiliares do processo” de ensino aprendizagem.

A pesquisa também fez parte da vivência dos estudantes, como explicita a extensionista 6, “busquei inspiração em algumas contadoras de histórias” para fazer os vídeos. Desde o início da proposta de elaboração desses materiais para o canal do YouTube, nossa preocupação foi estimular a pesquisa por alternativas de manutenção de vínculo com as crianças a partir do trabalho com os conteúdos curriculares.

Os estudantes também destacam a parceria entre eles: “Nós pudemos fazer trocas muito pertinentes, como, por exemplo, ideias de conteúdo para o canal, dicas de gravação, de editor de vídeos e etc.” A extensionista 4; e a participação do professor da escola parceira. A fala da extensionista 5 explicita essa relação, ao relatar que “A primeira ideia de vídeo surgiu de uma conversa com a professora da nossa escola parceira, que comentou sobre o tema que estava pensando em trabalhar”.

A extensionista 3 relembra sua experiência no projeto em anos anteriores e destaca a importância da presença física na escola, pois “Há aprendizados que teoria nenhuma ensina, desse modo, ter a experiência de estar em sala de aula e dialogar presencialmente com as crianças foi um preparo para o presente” na produção do conteúdo audiovisual. Assim também aponta que “Nada se compara a realizar um trabalho de alfabetização presencialmente, pois de frente com seus alunos as respostas, sendo elas positivas ou negativas, são basicamente de imediato.”

Refere-se a suas aprendizagens:

[...] além de pensar em quais histórias contar, o como contar foi um fator muito importante que me possibilitou o pensar com mais cuidado acerca de pesquisa, planejamento e produção de atividades alfabetizadoras – em contextos remotos ou não –, um compromisso que parte dessa experiência e que levarei comigo ao longo da minha jornada de formação. (Extensionista 3)

Para além das questões didáticas, o extensionista 1 revela suas reflexões sobre o papel da escola e da alfabetização na construção da cidadania, sobre o

[...] acesso popular desses conteúdos e das informações, alfabetização e tecnologia; e sobre “as práticas de alfabetização vão além do simples letramento gramatical, mas também do letramento social, de leitura e compreensão de mundo, da necessidade de estar em casa, de manter atenção às questões de higiene básicas, de evitar aglomerações e algumas atividades. A leitura e compreensão das notícias, das questões sociais, raciais, e políticas que nos cercam, salvam vidas.

Nesse sentido, acrescenta-se a fala de que traz uma outra questão central da formação de professores que é também política: “dentro da sala de aula ou utilizando mídias digitais a responsabilidade e o compromisso continuaram os mesmos”.

Diante de tais relatos, que foram extraídos dos relatórios finais das atividades do ano de 2020, podemos perceber o quanto foi formativo transformar nosso projeto mesmo sem nenhuma garantia que pudesse dar certo. Em primeiro lugar, ponderamos sobre o papel humanizador de manter o contato com as escolas e seus sujeitos e ao mesmo tempo, como projeto permanecermos unidos. Em segundo lugar, nos esforçamos coletivamente para garantir que os eixos didáticos de trabalho do ensino da língua fossem nosso guia mesmo no trabalho remoto.

Considerando os documentos oficiais, temos que “[...] a finalidade do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa é permitir o desenvolvimento crítico e reflexivo da criança e do adolescente como agentes da linguagem, capazes de usar a língua (falada e escrita) e as diferentes linguagens em diversificadas atividades humanas” (BNCC, 2018), contemplando práticas de ensino que envolvam os eixos da oralidade, leitura, escrita e análise linguística. A BNCC visa também a contemplar a cultura digital e trata dos multiletramentos, que se refere à “[...] variabilidade da criação de significados em diferentes contextos culturais ou sociais.” (COPE; KALANTIZ, 2019 *apud* ROJO; MOURA, 2019), entre eles os contextos digitais dos novos meios de comunicação multimídia.

O trabalho com novas linguagens midiáticas, tanto na formação do alfabetizador, como no efetivo trabalho na sala de aula vem ao encontro da proposta da BNCC, embora as dificuldades de acesso de muitos alunos seja um elemento dificultador nesse processo, isso sem falar das condições materiais de muitas escolas, que nem sempre contam com internet de boa qualidade, ou não têm acesso à rede.

Outro aspecto que norteou nosso trabalho, como desafio na produção dos conteúdos digitais, foi a presença da literatura infantil, contemplada nas propostas de contação de histórias. Estas se estabeleceram como oportunidades para trabalhar a oralidade, mas também a escrita, por meio de algumas atividades que convidam as crianças a produzir diferentes textos orais e escritos. Também entendemos ser um equívoco pensar a oralidade e escrita como eixos controlados no ambiente educacional, pois é reduzir o potencial da criança como sujeito, que constitui e é constituído pelo meio (VYGOTSKY, 1998).

A construção de um telefone, por exemplo, oportunizou a fala espontânea das crianças em uma brincadeira de faz de conta, em que ligavam para pessoas que não poderiam ver na quarentena. Relatos de pais deram conta do quanto foi significativo presenciar os pequenos em conversas imaginárias em que expressavam seus sentimentos no momento atual. Assim também aconteceu com o trabalho com a história “Alice na Quarentena”, que permitiu que as crianças pudessem se espelhar em um exemplo e dialogar em casa sobre seus sentimentos. Nesse sentido, o retorno da escola e de outras crianças de nosso meio que viram os vídeos foi fundamental na avaliação do projeto no período pandêmico.

As produções se destacam pela possibilidade criativa e realçam o brincar, o que corrobora com Vygotsky (2003, p. 130), quando afirma que “através do brinquedo, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto.” Assim, o brincar tem uma relação direta com os avanços de um estágio do desenvolvimento para outro e possibilita desenvolver aulas mais interessantes, dinâmicas e descontraídas. São atividades que podem ser desenvolvidas com os recursos que os alunos possuem em suas próprias casas e que contribuem para que possam realizar seus relatos, seus desenhos e suas escritas a partir de experiências concretas.

O fortalecimento da formação como um futuro professor alfabetizador autor de suas práticas, que usa estratégias e instrumentos que favorecem um elo entre suas concepções e a proposição de didáticas, foi sem dúvida, o maior ganho do projeto. Ao confrontar o que já havíamos estudado com a necessidade de adaptação atual e o uso do próprio capital cultural (BOURDIEU, 1989) dos estudantes para favorecer formas de intervenção.

Construir “inéditos viáveis a partir de percebidos-destacados”, (FREIRE, 2015) é sublinhar com traços subjetivos o fazer pedagógico e mostra algo de revolucionário no ato de ensinar.

A concretização do ‘inédito viável’, que demanda a superação da situação obstaculizante – condição concreta em que estamos independentemente de nossa consciência – só se verifica, porém, através da práxis. Isso significa, enfatizemos, que os seres humanos não sobrepõem a situação concreta, a condição na qual estão, por meio de sua consciência apenas ou de suas intenções, por boas que sejam (...) Mas, por outro lado, a práxis não é a ação cega, desprovida de intenção ou de finalidade. É ação e reflexão (FREIRE, 2015, p. 221-222).

A didática expressa na formulação freireana indica como se configura uma formação autoral, valendo explorar o próprio sentido de formação feita no coletivo, mas com um caráter individual no sentido de construção de conhecimento a ser partilhado. Não sendo um plano técnico, com regras e preceitos definidos, a formação enseja desafios práticos à sua concretização em contato com o mundo real.

3) Acolhimento da proposta pela escola

A vivência dessa experiência nova para todos do projeto nos instigou a uma avaliação das ações realizadas. Um primeiro ponto que ponderamos é que por meio desses canais digitais podemos atingir um número bem maior de sujeitos, pela divulgação nas redes sociais, ampliando o alcance de ação do projeto. Outro ponto é o desafio, esse o mais impactante na formação dos extensionistas, de produzir conteúdo para internet para a presença mais viva e rica da escola que são os alunos, e que agora estão em outro lugar distantes uns dos outros. Foram esses pontos que nos guiaram para elaboração de uma avaliação do que fomos produzindo entre março e julho de 2020.

Entendemos que, independente da modalidade, e apesar de suas especificidades,

São muitos os desafios na educação, em ambientes presenciais e digitais, num cenário tão complexo e carregado de incertezas. É prioritário dar ênfase e vivenciar valores humanos fundamentais. Educadores, gestores, estudantes e famílias precisam insistir em construir relações inclusivas, de afeto, de conhecimento, abertas ao diálogo, a partir de questões reais, de experimentação, pesquisa, de projetos socialmente relevantes (...). (MORAN, 2020 – Documento eletrônico).

É importante esclarecer que nesse momento do projeto estávamos com duas escolas parceiras, contando com a colaboração de dois professores regentes. Ao iniciar o trabalho remoto, apresentamos nossa proposta do canal, que foi prontamente aceita pela escola. Para contribuir com o trabalho e também avaliar se o que estávamos produzindo atendia as expectativas da escola, solicitamos aos professores e coordenadores um relato sobre o conteúdo produzido e disponibilizado pelos extensionistas. Abaixo temos o que a coordenadora pedagógica de uma das escolas parceiras nos enviou via correio eletrônico:

Receber as atividades das alunas Marcela e Larissa foi bastante positivo para nossa unidade escolar. Ambas que atuam diretamente com professores da alfabetização de nossa escola colocaram-se à disposição para qualquer forma de colaboração desde o início das atividades remotas devido à pandemia. E colaboraram. Nos trouxeram atividades pertinentes ao nosso público escolar em um formato simples e de fácil entendimento. Tais atividades foram compartilhadas com nossos professores e com os responsáveis de nossos alunos, através do sistema que estamos trabalhando para envio de atividades, sendo enviado fora dos dias de envio das professoras regentes, com a proposta de ser uma atividade extra e leve para as crianças que tiverem a possibilidade de realizá-las. Agradecemos a continuidade da parceria nesse momento que estamos distantes, mas que, dessa forma, segue nos aproximando. (Coordenadora Pedagógica - Escola 1)

Uma professora também nos enviou o seu relato sobre a utilização do canal nas atividades da Escola 1:

A pandemia trouxe para todos uma nova proposta de ensino, para mim foi um grande desafio em vários sentidos, desde utilização do computador até o retorno das atividades sugeridas. Busquei novas ferramentas de montagem de atividades, tais como vídeos, livros digitalizados, exercícios impressos, muita interpretação e principalmente abordar os sentimentos que surgiram com o confinamento. A sugestão de utilizar os vídeos das estagiárias, apesar de pouco contato com elas por causa da pandemia, foi essencial para o meu trabalho. Primeiramente eu sugeri um tema de acordo com o meu planejamento e elas fizeram atividades criativas e dinâmicas para as crianças, onde eu pude explorar a interpretação, o diálogo trazendo o aluno para próximo da escola, mesmo que distante. Vários vídeos foram utilizados para complementar minhas atividades, eles interagiam perfeitamente com o meu planejamento. Os temas abordados e as atividades eram de fácil compreensão e com isso foi sugerido pela coordenadora Priscilla a serem utilizados por outras turmas. As atividades eram enviadas através do próprio celular e pelas plataformas com um tempo para o retorno, mas vi que cada família tinha sua rotina para realizá-las, então deixei o tempo de retorno livre. Apesar das atividades chegarem há um pequeno grupo da turma, na reunião de pais, os responsáveis elogiaram os vídeos e as atividades propostas, gostaram de fazer junto com as crianças. Espero continuar com a parceria nesse segundo semestre, pois o resultado está sendo positivo.

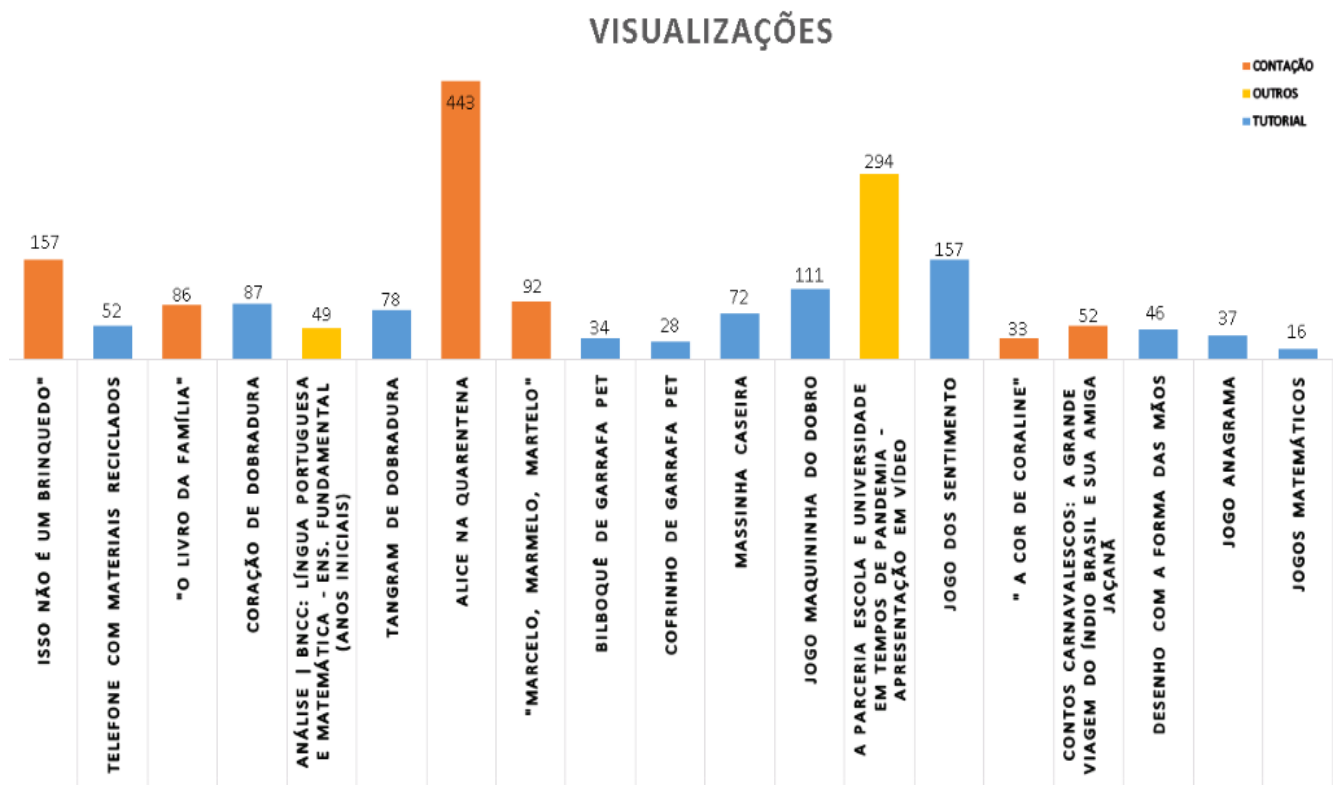
(Professora– Turma 1202)

Tanto a fala da coordenadora como a da professora inspiram o projeto a seguir com mais força, assim como o relato sobre como os pais dos estudantes avaliaram as propostas. A falta do retorno dos estudantes de forma imediata nas atividades, sua fala, seus movimentos, o som da vida pulsante que é a escola podem agora se converter em retornos escritos. Destacamos, em especial, o relato da professora quando aponta que solicitou aos extensionistas que produzissem atividades que de acordo com o seu planejamento. Para o projeto seguir as concepções sobre as quais está alicerçado, sempre ponderamos que a nossa fonte e guia de produção é o que o professor solicita, pois é necessário que tudo que é proposto tenha sentido e esteja ligado ao projeto maior da classe. Esse pressuposto acompanha o projeto e considera especialmente que o extensionista está em formação e nesse momento aprende com o professor regente em suas muitas trocas.

3.1 Estatística de acesso

O intuito da criação do canal no *YouTube* foi conseguir enviar as atividades do projeto para as escolas parceiras e facilitar a comunicação com os alunos. Entretanto, acabamos aproveitando o fato de a plataforma ser acessível a todas as pessoas para divulgar nossos trabalhos com colegas pedagogos, conhecidos com crianças e chegamos até a participar de um festival da UFRJ, no qual apresentamos essa experiência. Assim, nosso canal conseguiu ter um alcance maior de pessoas, para além da sala de aula. Segue tabela com o número de visualizações por vídeo (tabela 1) e por conteúdo temático (tabela 2).

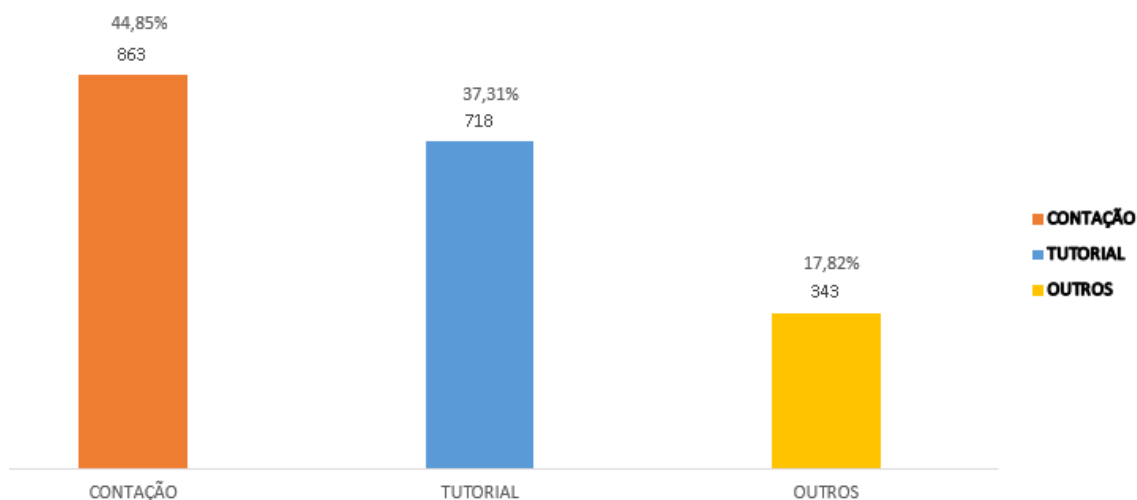
Tabela 1 - Visualização por vídeo



Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2 - Visualizações por conteúdo temático

Soma de VISUALIZAÇÕES por CONTEÚDO



Fonte: Dados da Pesquisa

Os conteúdos do canal foram planejados levando em consideração dois grandes eixos que foram Contação de histórias, totalizando 863 visualizações, representando 44% do nosso conteúdo, e Tutoriais de jogo, que totaliza 718 visualizações, representando 37% dos vídeos do nosso canal. Também tivemos um vídeo de apresentação do projeto feito especialmente para o Festival do Conhecimento UFRJ com um total de 294 visualizações e um vídeo de análise da BNCC que representam 17% do nosso conteúdo produzido. (Tabela 2)

Os dados dos gráficos acima mostram como a contação de histórias é uma possibilidade promissora na produção de conteúdos pedagógicos digitais, pois além de incentivar a imaginação e a criatividade das crianças por meio do universo imagético da literatura infantil, apresenta uma gama de possibilidades para o trabalho do professor.

Esses dados se confirmam quando observamos que o vídeo com maior número de visualizações foi o da contação *Alice na Quarentena*, com 443 visualizações. O alto número de acessos também atribuímos ao fato de as histórias remeterem à possibilidade de diversas reflexões como a importância de considerar questões e acontecimentos sociais atuais e que fazem parte da realidade dos alunos no contexto de alfabetização. A abordagem parte do princípio de que o aluno não é alheio ao mundo e se faz necessário criar aprendizagens significativas, as quais o aluno atribui sentido e significado ao tema proposto. A partir desse princípio, podemos relacionar a criação dos conteúdos com a citação de Freire em *A importância do ato de ler* (1988) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Tabela 1).

Considerações Finais

Reiterando a imprescindibilidade da relação humana presencial nos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, a formação do futuro pedagogo também foi afetada pela quarentena e o isolamento social, seja por novos modos de fazer os encontros formais de discussão e planejamento das ações; a realização de um trabalho coletivo mediado pelas tecnologias; a utilização das redes sociais para comunicação e divulgação das ações do projeto; e o uso da tecnologia como mais um recurso didático da mediação do conhecimento em sala de aula, podem se configurar como heranças dessa pandemia. Na urgência do momento de disseminação da COVID-19, o projeto se fortaleceu como espaço de autoria e liberdade de criação para os extensionistas.

As experiências dos extensionistas transcritas neste artigo e analisadas sob a ótica da autoria, revelam uma prática formativa que não se perdeu em meio a nova forma de contato. A posição do projeto em seguir, abriu um espaço de aprendizado mútuo e de grandes descobertas. Ao se ver no vídeo, os licenciandos puderam ponderar sobre muitos aspectos didáticos ligados à profissionalização do professor, considerando que o não estar presente, potencializa o cuidado em ser claro, se fazer entender e conseguir dar o seu recado. Outro aspecto que merece ser considerado é a abertura da escola para a produção dos jovens em formação, que fizeram proposições dentro dos limites conceituais do projeto, mas imprimiram a marca da juventude, da leveza e da novidade. Uma escola aberta para o novo, apoiando uma ação num momento em que a incerteza era a principal bandeira, nos encoraja a continuar investindo nessa parceria, que nos desafia, mas ao mesmo tempo nos autoriza a ser autores.

Referências

- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 51-64, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- CASTRO, Marcelo Macedo Corrêa. Autoria e autoridade nas práticas escolares de ensino da escrita. *Revista Contemporânea de Educação*, Nº11, janeiro/julhode2011, p.129-153.
- COLELLO, Silvia Gasparian. Por que a aquisição da língua escrita é transformadora? *Revista Internacional d'Humanitats*. CEMOrOc-Feusp / Univ. Autônoma de Barcelona. Jan-abr 2020.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GOULART, Cecília. Para início de conversa sobre os processos de alfabetização e de pesquisa. In: GOULART, Cecília.; GARCIA, Inez Helena Muniz; CORAIS, Maria Cristina. (org.) *Alfabetização e discurso: dilemas e caminhos metodológicos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019, p. 13-45.
- KRAMER, Sônia. Escrita, experiência e formação – múltiplas possibilidades de criação de escrita. In: *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P. 105-121.
- MORAN, José. A Culpa não é do Online – Contradições na educação evidenciadas pela crise atual. *Educação Transformadora*, 20 DE JUNHO DE 2020 (online) <http://www2.eca.usp.br/moran/?p=1506> – Acesso em 20 de ag. 2020.
- ROJO, Roxane Helena R., MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- ROLDÃO, Maria do Céu. Conhecimento, didática e compromisso: o triângulo virtuoso de uma profissionalidade em risco. *Cad. Pesqui.* São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1134-1149, dez.2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742017000401134&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 set. 2020.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SMOLKA, Ana Luiza B. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Trabalho original publicado em 1926).

Recebido em: 19/10/2020

Aceito em: 15/03/2021